

Entrevista

David Treece*

Por Mariana Oliveira ARANTES**

Livros como *Exilados, Aliados, Rebeldes: O Movimento Indianista, a Política Indigenista e o Estado-Nação Imperial*, lançado em 2000, e *Brazilian Jive: From Samba to Bossa Nova and Rap*, lançado em 2013, entre outras publicações, demonstram seu interesse pela cultura brasileira, incluindo a literatura, a poesia e a música. Como foi seu percurso de pesquisa partindo das comunidades indígenas para a música popular brasileira?

Antes de me formar na universidade não tive nenhum contato com o Brasil, não sabia do que se tratava. Meu primeiro contato foi através de meu ex-professor e ex-orientador John Gledson, atualmente conhecidíssimo como especialista em Machado de Assis. O curso que fiz é parecido com o curso que meus alunos têm em Londres, reunia estudos de língua espanhola e de língua portuguesa; língua, literatura e um pouco de História; hoje em dia inclui outras disciplinas como música e cinema. Entre diversas opções estudei o português, espanhol eu já sabia. No final do curso John Gledson me convidou para ser seu orientando de doutorado, então, com sua ajuda, comecei a estudar o indianismo literário e tive a ideia, um pouco ambiciosa, de tentar abranger toda a história da produção literária relacionada aos índios brasileiros. Acabei me concentrando nos séculos XVIII e XIX, tratei um pouco do modernismo, mesmo assim foi uma coisa ambiciosa. Esse estudo me fez querer entender a situação atual das comunidades indígenas do Brasil, uma vez que comecei a estudar as relações entre o imaginário literário, sobretudo romântico, mas

* David Treece, brasileiro, é docente do *King's College* de Londres. Recentemente, lançou o livro *Brazilian Jive: From Samba to Bossa Nova and Rap* (2013), texto que aborda desde as mudanças no samba para chegar à bossa nova do final dos anos 1950, até a emergência do rap nos anos 1990. Nesta entrevista Treece fala da sua trajetória acadêmica até chegar aos estudos sobre música popular brasileira. [Nota do entrevistador](#).

** Mestre em História – Doutoranda em História – Programa de Pós-Graduação em História – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP – Universidade Estadual Paulista, Campus de Franca, CEP: 14409-160, Franca, São Paulo – Brasil. Bolsista FAPESP. E-mail: mel.unesp@gmail.com

também de finais do século XVIII, e a política indigenista do período. Interessava-me não apenas pensar nas fantasias literárias, mas como é que isso refletia o pensamento político da época. Este foi meu tema de pesquisa no doutorado, trazendo-me pela primeira vez para o Brasil, em 1984. Foi um momento muito interessante para conhecer o Brasil, era o último ano do regime militar, vivenciei a campanha pelas diretas, foi muito especial e importante ter passado por esse momento da transição brasileira para a democracia; desde então comecei a vir ao Brasil com frequência.

Nos anos 1980 você já tinha vínculos com alguma universidade brasileira?

Ainda não, só depois de me tornar docente universitário. Meu trabalho acadêmico fez com que me envolvesse no trabalho das ONGs na área de direitos humanos, apoiando algumas causas das comunidades indígenas do Brasil em torno da política da década de 1980. Depois do projeto de doutorado recebi um convite para escrever um livro sobre poesia, posteriormente intitulado *The Gathering of Voices: the twentieth-century Poetry of Latin America*, com co-autoria de Mike Gonzalez, lançado em 1992. Assim, passei da literatura do século XVIII e XIX, para poesia do século XX. Acredito que o contato com a poesia, necessário para a produção desse livro, me aproximou da canção, comecei a entender do que se tratava; não sei por que não tinha, até então, me interessado pelo tema, embora sempre tivesse um amor pela música. A partir de então comecei a me interessar por alguns compositores da MPB como Chico Buarque e Caetano Veloso.

Qual foi a sua primeira referência de música brasileira?

Lembro que John Gledson utilizava em seu curso alguns exemplos de composições de Noel Rosa. Quando passei a ser orientando dele ouvíamos no carro, quando ele me dava carona, fitas do Chico Buarque. Na época ganhei uma fita que é uma preciosidade para mim, pois é meu disco brasileiro favorito, o disco “branco” do João Gilberto. Apesar de já gostar dessas canções não pesquisava música popular ainda, tive esse primeiro contato, mas fiz outras coisas, como traduções literárias. Comecei a traduzir alguma coisa do Caio Fernando Abreu e depois, na década de 1990, traduzi João Gilberto Noll, algumas poesias, trabalhando principalmente com a literatura. Em algum momento comecei a trabalhar timidamente com a música popular. Acho que o primeiro passo foi a decisão de comprar os

cinco volumes de *songbooks* do Almir Chediak sobre bossa nova. Eu já tocava violão e tentei aprender não só os acordes, já que as harmonias em si eram um desafio para mim, mas também a técnica, que era outra coisa que não dominava muito bem. Ao meu jeito tentava dominar a técnica e aos poucos, ensaiando, treinando, comecei a decorar bastante coisa e comecei a escrever, sobretudo sobre bossa nova; esse foi o meu ponto de partida para a música popular.

No meu trabalho a música popular começava a concorrer com os estudos literários mais ou menos em pé de igualdade e cheguei a um momento em que me dei conta de que era isso que eu queria fazer, tomando a decisão de investir mais na música. Comecei a dar aulas e criar cursos sobre música popular na faculdade, tocando e cantando um pouco. Faz uns dez anos que comecei a levar isso a sério em minha carreira, ainda com alguma versatilidade, lidando com literatura, mas cada vez mais voltado para a música popular.

Quais diferenças você poderia citar na experiência de ser um estudioso da cultura brasileira nos anos 1980 e atualmente?

Há uma diferença em termos de contexto institucional para esse trabalho. Quando comecei a pesquisar a cultura brasileira éramos pouquíssimas pessoas no Reino Unido trabalhando com Brasil, havia dois ou três pesquisadores com carreiras consolidadas como John Gledson e Leslie Bethell, historiador conhecidíssimo que tinha um papel importante na Universidade de Londres, onde passei a trabalhar; e mais duas ou três pessoas trabalhando em determinados projetos, mas realmente era um campo cultural ainda relativamente pouco estudado. Quando comecei a trabalhar com John Gledson me senti um pioneiro com a fortuna de poder escolher qualquer tema de pesquisa.

Acredito que uma das coisas que mudou muito nestes últimos vinte ou trinta anos é justamente o número de pessoas que se interessam pelo Brasil e trabalham com o Brasil. Isso acompanhou uma mudança do perfil do Brasil na visão europeia, na percepção pública. Acho que houve uma mudança muito grande que se reflete, por um lado, na procura por parte de alunos que querem estudar o Brasil e, por outro lado, no perfil do aluno que cada vez mais se interessa pela literatura e cultura brasileira, refletindo o lugar do Brasil no mundo.

Outra mudança importante é a presença de brasileiros no Reino Unido. Desde os anos 1980 já vinham números significativos de brasileiros a Londres, mas, nos últimos dez anos, mudou o perfil do brasileiro que vem morar em Londres. Acho que no início eram tipicamente brasileiros de classe média, saindo do Brasil por um período limitado de tempo para passear, conhecer a Europa, quem sabe estudar o inglês e voltar ao Brasil. O que começou a mudar nos últimos dez, quinze anos, é que muitos brasileiros vieram para ficar, ou pelo menos para trabalhar por um período mais extenso, para remeter parte do salário de volta ao Brasil. Acredito que esses grupos vêm menos frequentemente com uma formação universitária, são pessoas da baixa classe média, que realmente vêm para trabalhar. Esse novo perfil, com uma presença cada vez mais visível e audível, contribuiu para a valorização do Brasil.

Em 1997 eu já tinha criado, dentro do *King's College*, vinculado ao meu Departamento, um pequeno centro a fim de destacar o Brasil, o que gerou mais interesse. Começamos a receber professores visitantes do Brasil e a trabalhar bastante com a Embaixada, passando a realizar algumas atividades editoriais como a publicação de traduções de autores brasileiros. Há três ou quatro anos a Universidade tomou a decisão, a nível de cúpula, de investir, institucionalmente, estrategicamente, no Brasil como um dos polos principais de atividade acadêmica, como parte de uma estratégia de internacionalização, que acredito que seja uma palavra de ordem hoje em dia no Brasil e em Londres. A ideia foi criar um Instituto de Estudos Brasileiros, não mais como parte de um Departamento de Línguas Modernas, mas como instituição dentro da universidade, que servisse a todas às áreas e pudesse ser uma referência. O Instituto deu uma nova importância ao Brasil. Durante minha carreira presenciei muitas mudanças e agora, depois de ser por muito tempo o único brasilianista na universidade, somos seis ou oito pessoas trabalhando com o Brasil, demonstrando uma mudança quantitativa.

Por outro lado, acho que a visão que se tem do Brasil no Reino Unido também mudou qualitativamente, conforme o Brasil foi se emergindo como não simplesmente o país do Carnaval, mas como uma potência importante. Essa mudança acompanhou o período das administrações de Fernando Henrique Cardoso e de Lula que, como figuras políticas de destaque global, contribuíram para uma percepção mais complexa, mais

interessante do que o Brasil é - menos exótico e mais complexo, mais contraditório e moderno.

Em seu artigo *Animação Suspensa: movimento e tempo na bossa nova*, publicado na revista *ArtCultura* em 2008, você afirma ser favorável ao domínio de um conhecimento técnico sobre música por parte de pesquisadores que se dedicam ao tema. Seu conhecimento sobre música é prévio ao interesse de pesquisar ou o interesse em estudar a canção veio antes?

Meu conhecimento musical era prévio e acho que a palavra certa é que sou favorável que se tenha determinado grau de conhecimento técnico, todavia não vou cobrar ou exigir nada, acredito que não teria sentido uma vez que há uma explosão de produções de altíssima qualidade sobre a música popular aqui no Brasil - fico muito contente de ver isso porque obviamente a música popular merece isso e, às vezes, não há uma estrutura institucional para apoiar projetos de pesquisa nessa área. Acredito que a produção de um trabalho de qualidade não depende, necessariamente, de uma competência técnica, musicológica, mas, dependendo da abordagem, o conhecimento de como funciona uma canção musicalmente, além de como intervenção cultural, pode acrescentar outra dimensão, como são os casos das pesquisas de Walter Garcia, José Miguel Wisnick e Luis Tatit. Há diversas possíveis abordagens, desde a análise de discurso, a análise de letras de música, a história social da música popular, a sociologia, os estudos culturais, até a análise estética das formas e dos processos de performance.

E o Grupo Nossa Voz, seria a prática da sua teoria? Fale um pouco sobre o grupo.

Sim, o grupo faz parte da minha prática. O momento em que eu estava decidindo aos poucos, quase relutantemente, a fazer essa virada na minha trajetória e realmente me dedicar à música popular, foi um momento de mudanças pessoais muito importante, pois eu sentia falta de participação musical, estava tocando sozinho, decorando aquelas composições da bossa nova, mas estava sentindo realmente a falta de uma prática musical com outras pessoas, e foi naquele momento que descobri que havia um grupo vocal experiente na interpretação de canções brasileiras em Londres. Assim, meu Departamento convidou o grupo para cantar em um evento do *King's College*, desse modo conheci o

maestro Gui Tavares, que é muito experiente, formado em música na Unicamp e que mora em Londres já há bastante tempo, trabalhando como violonista, cantor, compositor, arranjador e produtor de eventos musicais. Fui convidado para um ensaio do grupo e posso confessar que quase chorei de emoção. Estar no meio de brasileiros e não brasileiros, cantando esse repertório que eu amo, não tem coisa melhor. O grupo Nossa Voz é um elemento chave da minha prática, tem sido muito importante colaborar com o Gui em alguns projetos, temos uma relação muito especial. Às vezes ensaiamos no próprio *King's College*. Em outubro do ano passado realizamos uma semana de atividades voltadas à divulgação da cultura de Minas Gerais, obviamente a música foi um elemento importante, mas não foi o único, incluímos cinema, teatro, algumas palestras sobre literatura e o Gui foi um dos coordenadores. O Nossa Voz encerrou a semana com um show na Universidade.

O grupo tem interpretado suas traduções das canções brasileiras?

Poucas vezes, na verdade o grupo faz questão de cantar em português. Eu acredito que cantar uma língua estrangeira será uma das melhores formas de aprender a língua. Uma coisa que me comove ao ver o grupo é o nível de domínio da língua, a qualidade da pronúncia alcançada. O grupo tem uma vida um pouco cíclica, as pessoas entram e saem, Londres é uma cidade muito volátil nesse sentido, mas o maestro Gui consegue todo ano levar o grupo a um patamar de qualidade realmente impressionante, mesmo sem dominar a língua como língua funcional, no contexto do canto, todo mundo acaba cantando muito bem em português, isso é uma coisa impressionante. Muitas vezes as pessoas comentam que todos os integrantes parecem brasileiros, metade pode ser, mas os outros não, eles estão apenas conseguindo cantar como brasileiros. Minha participação no grupo, assim como os outros participantes, faz parte de uma convivência mais ampla com a cultura brasileira, não apenas com a música. Não se trata simplesmente de decorar algumas músicas, mas de conhecer o Brasil estando em Londres, o que é um fenômeno interessante.

Entrevista recebida em 31/07/2013. Aprovada em 11/08/2013.